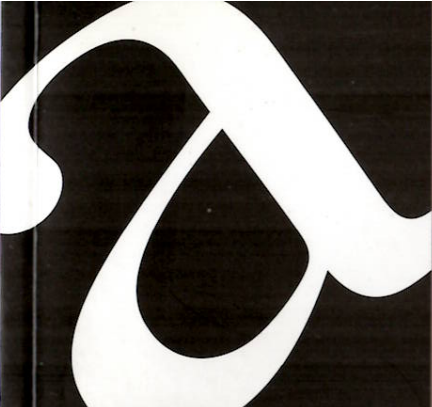




76 NOVEMBRO
2006

MOBILIDADE As Pontes do Porto

ARTE E ESPAÇO Bienal de S. Paulo
O espírito do lugar

ENGENHARIA Execução de Taipa

ARQUITECTURA E VIDA

Teresa Nunes da Ponte

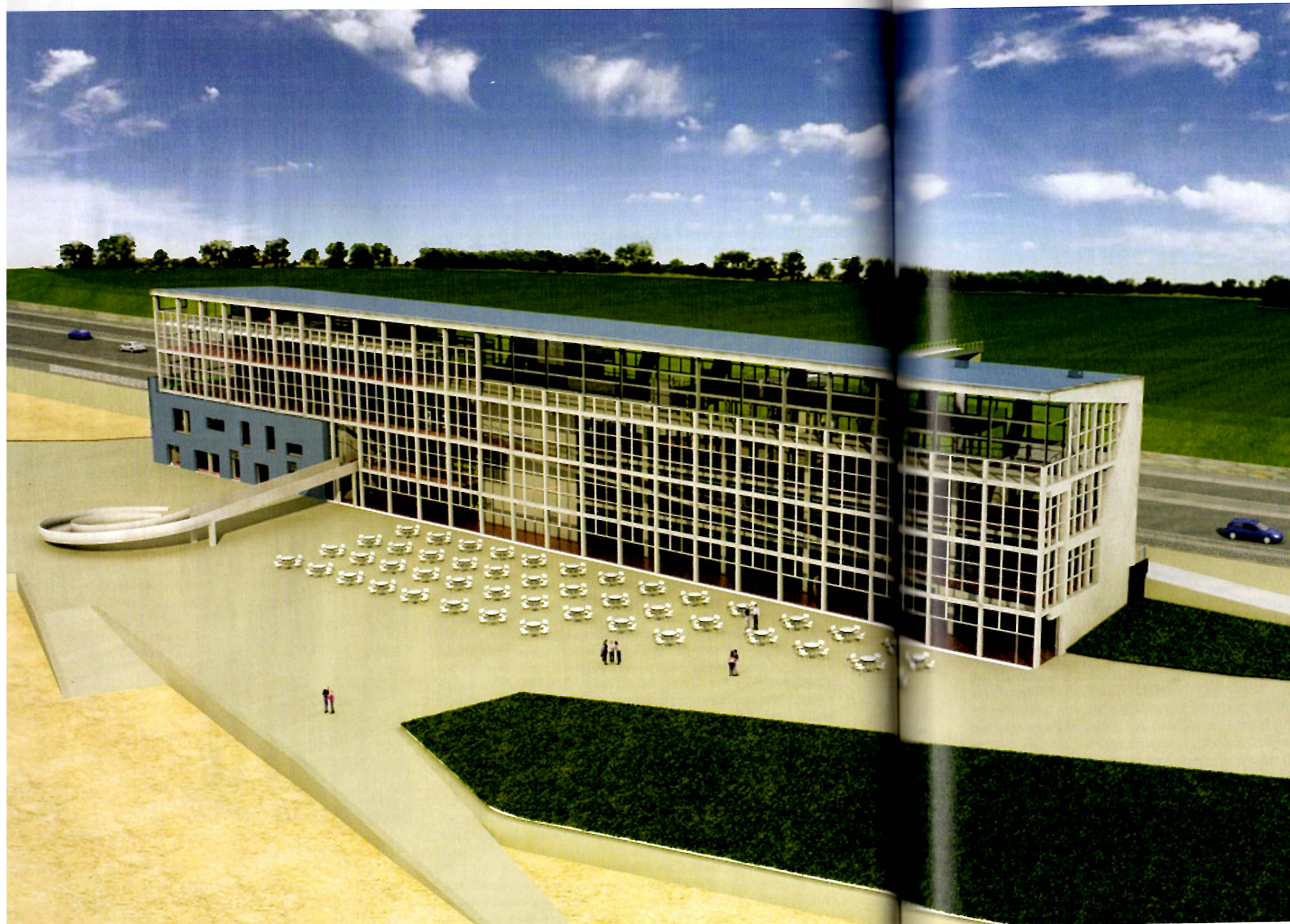


PROJECTOS

Edifício Transparente (Manuel de Solà-Morales e Carlos Prata)
Edifício do Refeitório e Auditório Camões (João do Rosário Mateus)
Casa unifamiliar em Vila Real de Santo António (José Guedes Cruz)



5 601073 013512
ANO VI NOVEMBRO 2006 MENSAL
PREÇO PORTUGAL (CONT.) €3



Projecto

A publicação em simultâneo, quer do projecto inicial quer do projecto de alteração à obra, a poucos anos de iniciada e incompleta, permite, pelos projectistas e propósitos envolvidos, pela singularidade do programa e da localização urbana do "Edifício transparente", uma ampla reflexão sobre a arquitectura.

Das propostas dão testemunho Manuel de Solà-Morales e Carlos Prata, arquitectos autores, o primeiro, da arquitectura, o segundo, da alteração programática e arquitectónica que procura reinserir este equipamento no contexto urbano e no uso colectivo.

São de grande interesse as questões e temas que estas intervenções suscitam, abordados nos textos e desenhos dos projectistas e no texto crítico da arquitecta Gisela Lameira.

Este caso de estudo remete-nos seguramente, numa observação alargada, ou pelo menos pessoal, a tantos outros casos onde se redimensiona o sentido, hoje, de equipamento, por relação e na tentativa de uma "diferente cidade".

Para além do seu valor intrínseco, o "Edifício transparente" exemplifica um pensamento teórico e uma linha de propostas que importará avaliar ao reflectirmos sobre o presente e o futuro da cidade. José Charters Monteiro arquitecto

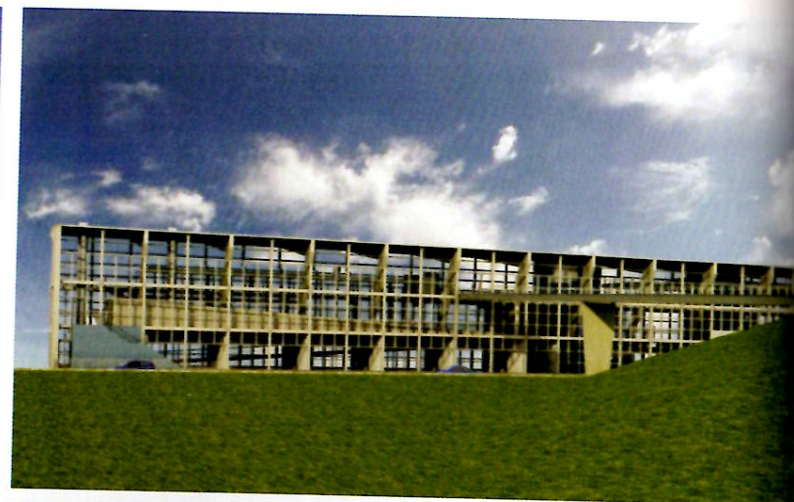
(Re)habi(li)tar a arquitectura

Três pontos para uma releitura
do Edifício Transparente Texto crítico de Gisela Lameira arquitecta

EDIFÍCIO TRANSPARENTE

ARQ.^{TO} MANUEL DE SOLÀ-MORALES (PROJECTO INICIAL)

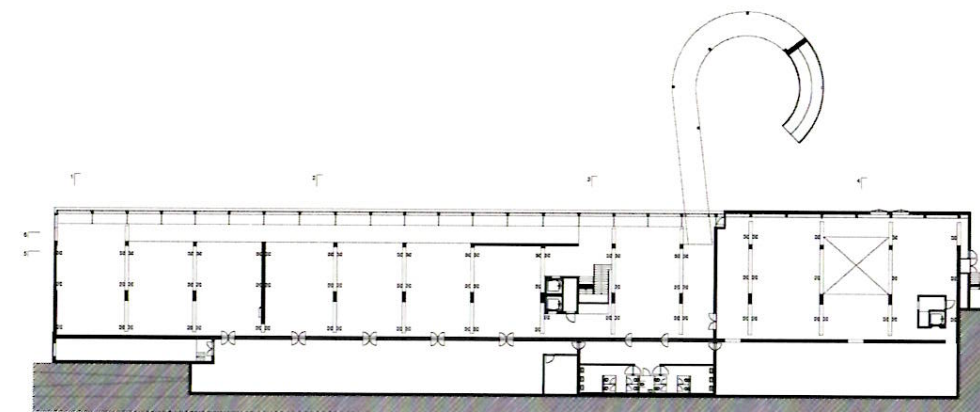
ARQ.^{TO} CARLOS PRATA (PROJECTO DE ALTERAÇÃO)



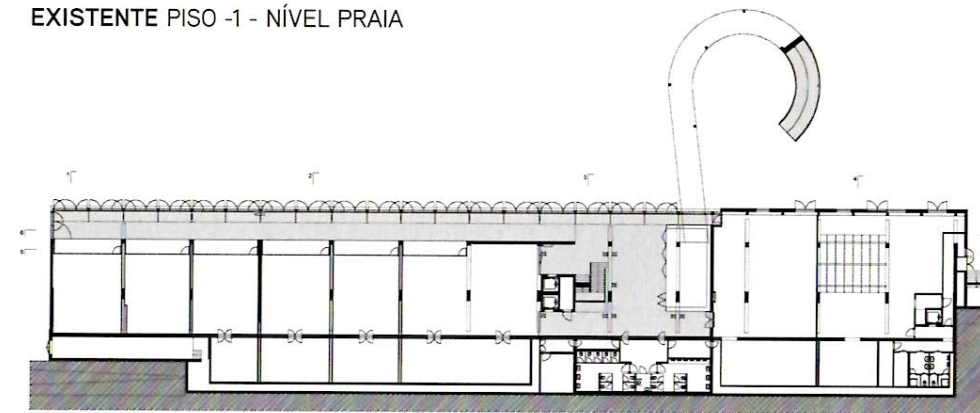
Projecto

Intervir na cidade (espaço público e privado, espaço colectivo)

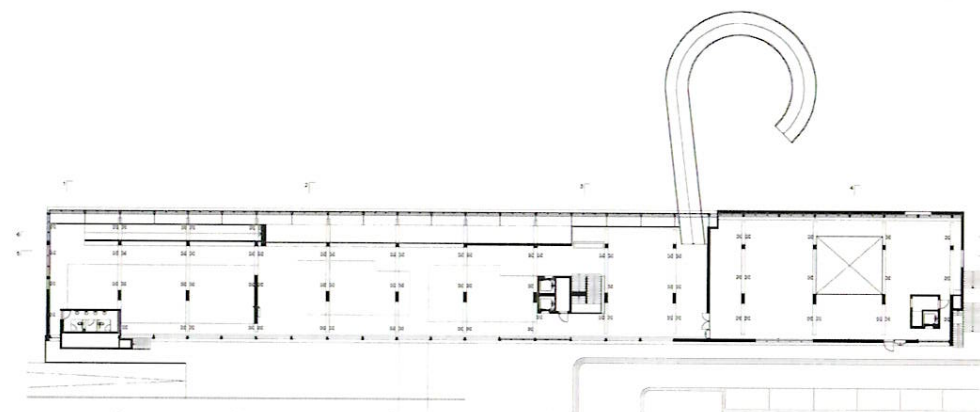
A simultaneidade de escalas distintas é uma condição inerente à cidade herdada, assim como deveria ser inerente ao arquitecto a responsabilidade de resposta às questões que esta lhe impõe, desde a escala do território à do objecto. Edifício e projecto urbano não são autónomos, e neste sentido, o Edifício Transparente projectado pelo arquitecto Manuel de Solà-Morales, é paradigmático. Não é um objecto arquitectónico ensimesmado: resulta de uma vontade de ordenamento urbano, de uma ideia de cidade e de intervenção que procura devolver ao Porto um lugar geograficamente privilegiado, como espaço público qualificado. Trata(va)-se de construir um lugar colectivo. É um objectivo que vai mais além do desenho de espaços públicos, e que se expressa neste edifício: a sua concepção como prolongamento do espaço exterior público, uma "promenade arquitectural" que privilegia a relação Homem-Natureza, mas onde acima de tudo se antevê a vontade de mescla das esferas do público e do privado. É esta busca que, a meu ver, define o ímpeto inovador deste edifício enquanto arquitectura e elemento excepção na cidade, cabendo-nos a nós arquitectos reflectir sobre a correspondência entre a formalização dos espaços construídos e os modos de vida da população local. Espaço colectivo é mais do que espaço público e privado em simbiose, tem a ver com *identidade e actividade*. O indivíduo que se identifica com um espaço público, apropria-se dele enquanto espaço de actividades, assumindo uma responsabilidade inconsciente da sua manutenção. Quando esta relação não se estabelece, restam-nos espaços públicos (interiores ou exteriores) desocupados ou marginais.



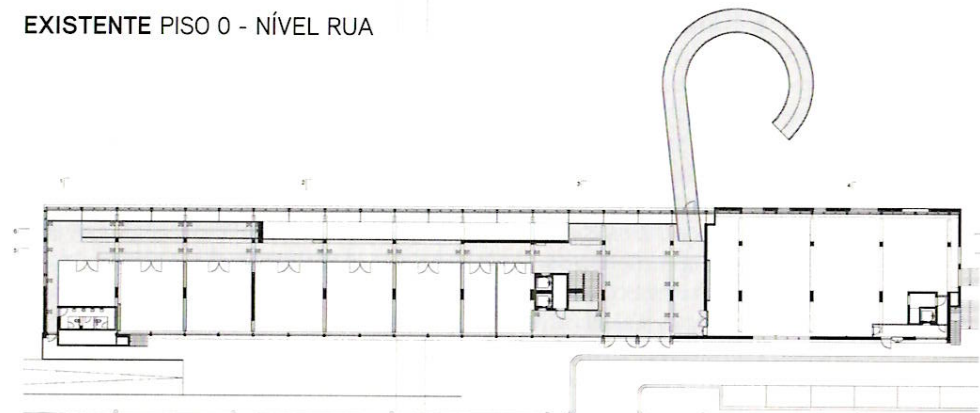
EXISTENTE PISO -1 - NÍVEL PRAIA



PROJECTO PISO -1 - NÍVEL PRAIA

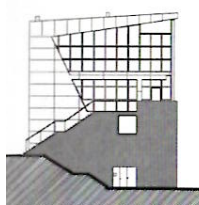


EXISTENTE PISO 0 - NÍVEL RUA

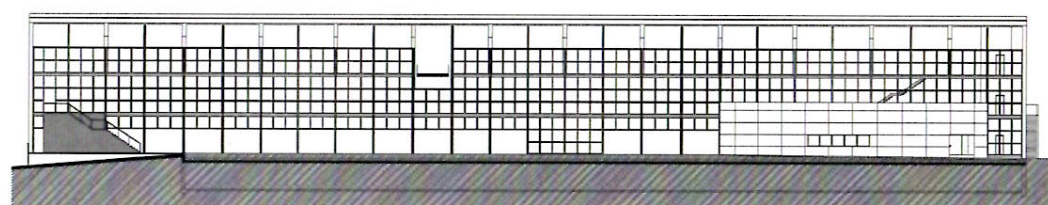


PROJECTO PISO 0 - NÍVEL RUA

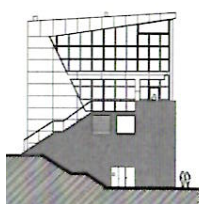
EDIFÍCIO TRANSPARENTE

ARQ.^{TO} MANUEL DE SOLÀ-MORALES (PROJECTO INICIAL)ARQ.^{TO} CARLOS PRATA (PROJECTO DE ALTERAÇÃO)

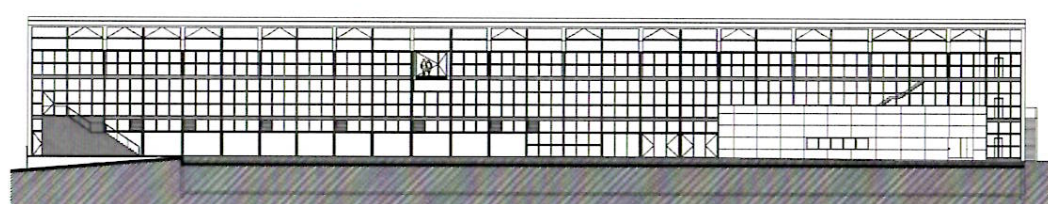
EXISTENTE ALÇADO NORTE



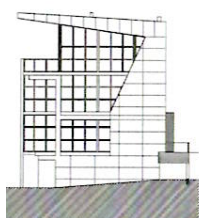
ALÇADO NASCENTE



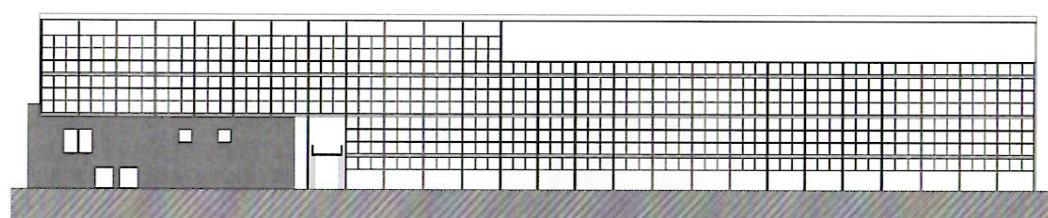
PROJECTO ALÇADO NORTE



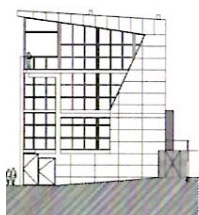
ALÇADO NASCENTE



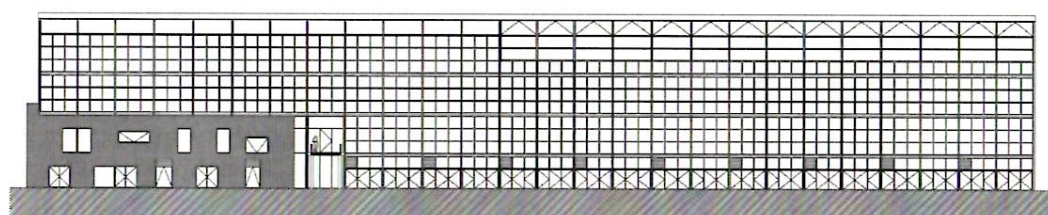
EXISTENTE ALÇADO SUL



ALÇADO POENTE



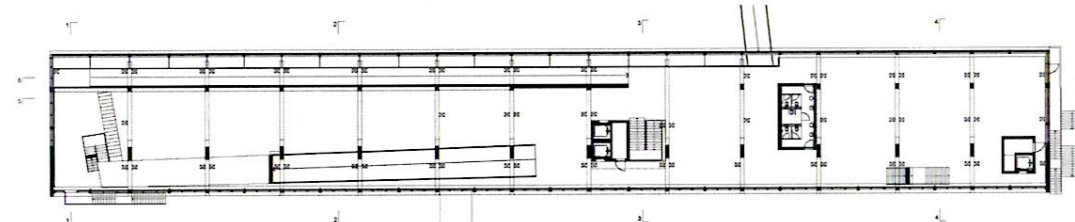
PROJECTO ALÇADO SUL



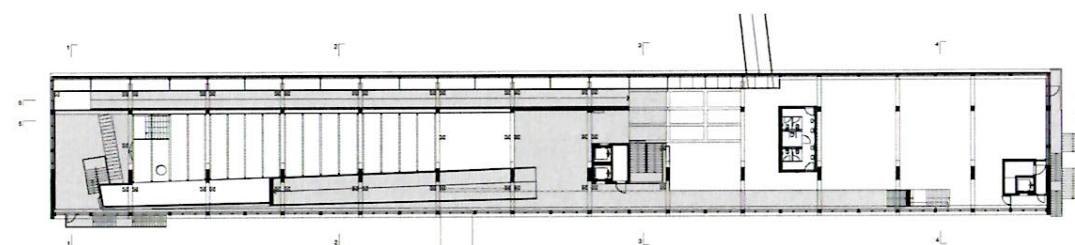
ALÇADO POENTE

Equipar a cidade (novos paradigmas, uso, forma, função)

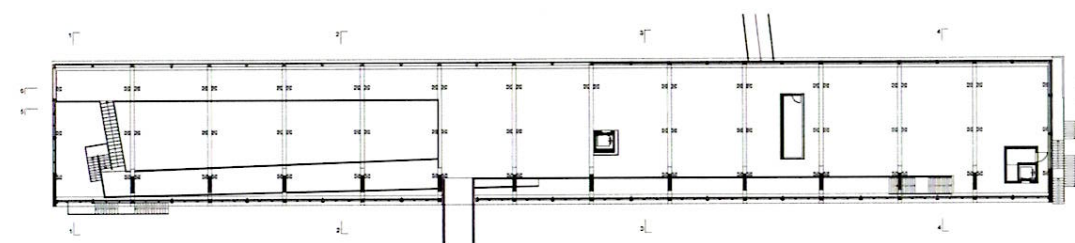
O Edifício Transparente é um equipamento da cidade do Porto. A relação elemento excepção/lugar, aliada à complexidade e heterogeneidade dos modos de vida contemporâneos instigou o surgimento de edifícios polivalentes que podem albergar vários usos, e cuja matriz de concepção espacial não é ditada por uma estrita correspondência forma-função. Concebem-se formalmente entre a autonomia do desenho do objecto (a primazia da condição objectual do edifício) e a estratégia urbana da intervenção que os incorporam. Esta desvinculação entre forma e função não é de todo sinónimo de ausência de um programa específico: é uma ideia de arquitectura operativa, na medida em que se opõe à especialização e influi na capacidade de resposta do edifício a transformações futuras, ou seja na sua adaptabilidade. É o que permite ao edifício, independentemente das particularidades da função ou significado estabelecidos na sua génese, confrontar-se com realidades futuras, que podem inclusivamente passar pela sua total reinvenção. Paradoxalmente, o Edifício Transparente foi capaz de responder à necessidade de incorporação de novos usos. Se assim não fosse, apesar de recente, inevitavelmente se tornaria numa peça obsoleta no tecido urbano.



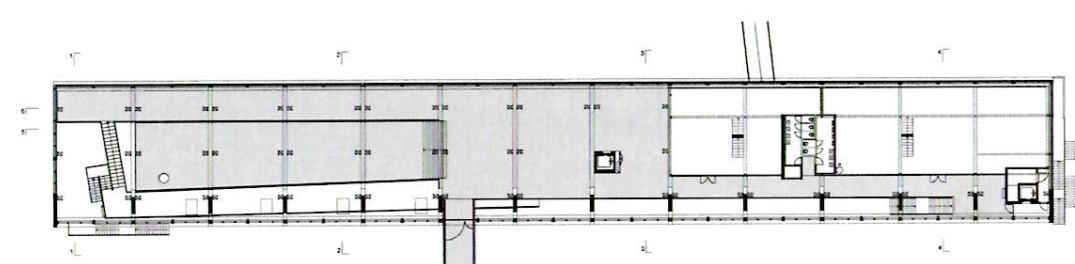
EXISTENTE PISO 1 - CAIXA DE VIDRO



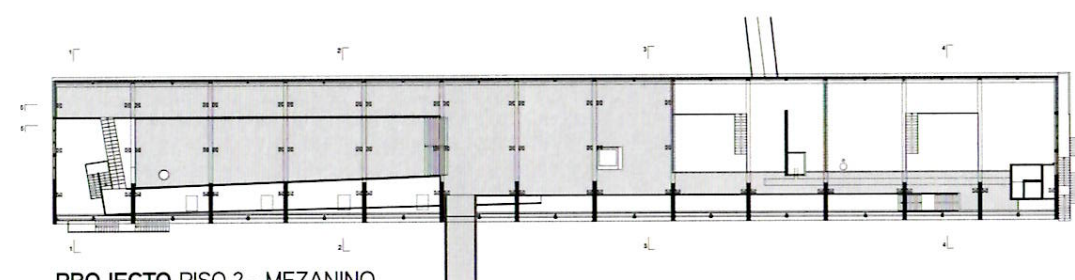
PROJECTO PISO 1 - CAIXA DE VIDRO



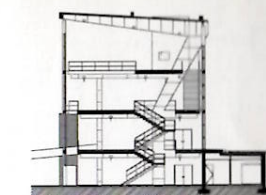
EXISTENTE PISO 2 - ACESSO PARQUE



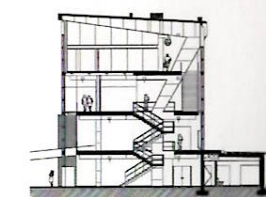
PROJECTO PISO 2 - ACESSO PARQUE



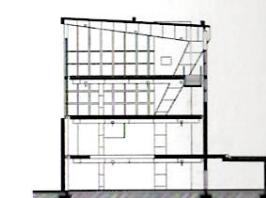
PROJECTO PISO 2 - MEZANINO



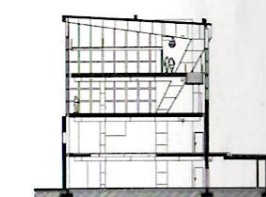
CORTE 3



CORTE 3



CORTE 4

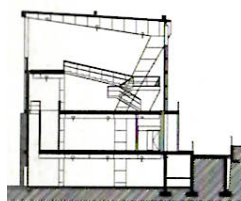


CORTE 4

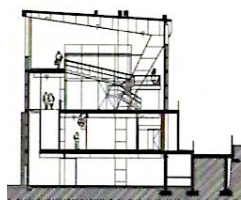
Intervir no património construído (a relação dialéctica entre novo e preexistência)

O projecto de remodelação, desenvolvido pelo arquitecto Carlos Prata, procura um diálogo que se estende desde a preexistência ao autor do seu projecto inicial. O resultado é uma arquitectura que aposta numa lógica construtiva e postura de intervenção clara, ancorada no conhecimento aprofundado dos pressupostos estruturais, critérios compositivos e conceitos espaciais pensados na sua génese. A reabilitação traduziu-se na total revisão do programa de usos e no encerramento total da envolvente construída. Conceptualmente, o edifício deixa de albergar espaços de percurso/estar exteriores para passar a ser claramente delimitado e climatizado. Sem ambiguidades, procuram-se resolver todas as questões que se colocam à arquitectura

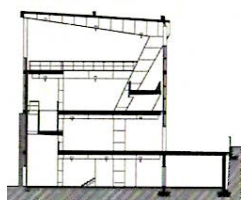
EDIFÍCIO TRANSPARENTE
ARQ.^{TO} MANUEL DE SOLÀ-MORALES (PROJECTO INICIAL)
ARQ.^{TO} CARLOS PRATA (PROJECTO DE ALTERAÇÃO)



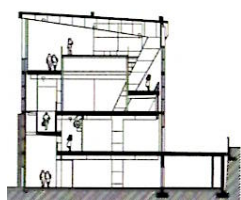
EXISTENTE CORTE 1



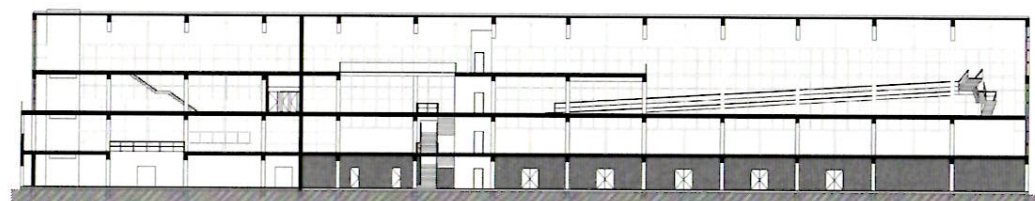
PROJECTO CORTE 1



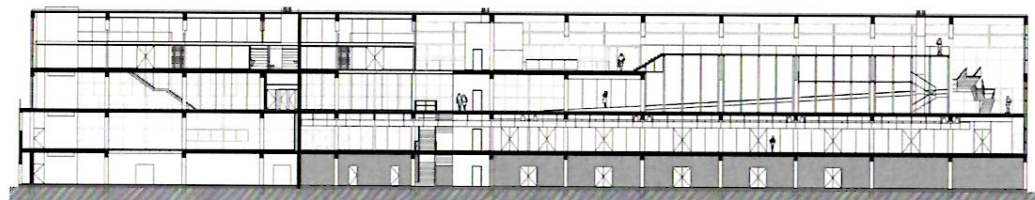
EXISTENTE CORTE 2



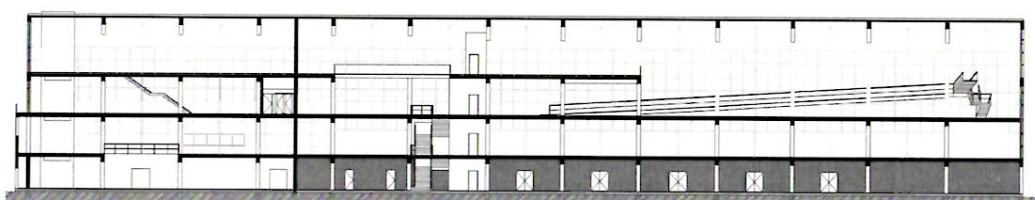
PROJECTO CORTE 2



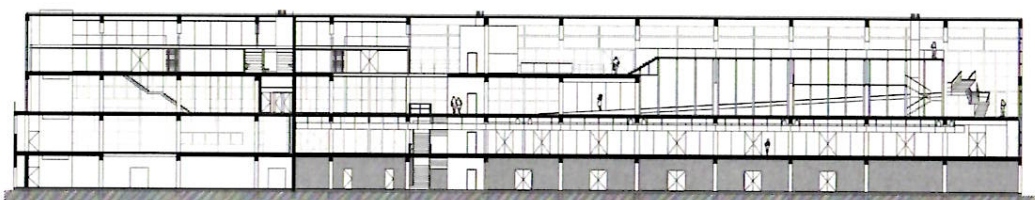
CORTE 5



CORTE 5



CORTE 6



CORTE 6

enquanto construção de espaços habitáveis, entre as quais a impermeabilização da envolvente e o conforto térmico/acústico do ambiente. Não obstante o nível de alterações que a inclusão do novo programa acarreta, o projecto procurou manter/respeitar criticamente as ideias iniciais: um percurso contínuo desde o parque da cidade até ao mar, através de espaços de deambulação e contemplação da paisagem de carácter público. A novidade face ao projecto inicial manifesta-se na interacção deste percurso com uma série de actividades de carácter comercial.

Um projecto de arquitectura é uma síntese de um conjunto de condicionantes. Frequentemente, a limitação orçamental é o primeiro obstáculo a considerar, e esse foi um constrangimento que ditou o desajuste do Edifício Transparente face à realidade. De igual modo, a relação entre espaço público (aberto, amplo, livre) e espaço privado (comércio, serviços de apoio) parece ter-se assumido como um entrave à viabilidade económica da manutenção/exploração do edifício. O projecto de remodelação encetado propõe a transformação de um espaço interior vazio numa sequência de espaços habitáveis. É o que diferencia a arquitectura da escultura, mesmo a espacial. A cidade só lamenta o insucesso da proposta de modelos intermédios entre os espaços abertos e exteriores de carácter público e o edifício público exclusivamente comercial.



Existente



Projecto

EDIFÍCIO TRANSPARENTE

ARQ.^{TO} MANUEL DE SOLÀ-MORALES (PROJECTO INICIAL)

ARQ.^{TO} CARLOS PRATA (PROJECTO DE ALTERAÇÃO)



Existente



NOTAS DE AUTOR

MANUEL DE SOLÀ-MORALES

O chamado Edifício Transparente é uma aposta na abstracção da paisagem. Num projecto (o da Frente Marítima do Parque da Cidade e Avenida Marginal) que reconstrói o protagonismo da forma natural da praia e a proeminência artificial do Castelo do Queijo, o Edifício Transparente constitui-se como um novo volume abstracto, dialogando directamente com o horizonte do mar e com a ampla distância urbana. Pela sua posição e escala, é um objecto de referência num terreno que foi inóspito, e apenas transitório entre o velho passeio das vilas burguesas do Porto e a nova frente especulativa do que foi o bairro popular e portuário de Matosinhos.

A abstracção é criada com duas opções principais: o edifício é transparente (sem fachada) e ambíguo (sem designação). Algumas pessoas, intuindo talvez o edifício como o que ele é, mas sem o compreender, acreditaram que a sua ambiguidade e a sua transparência indicavam que não tinha nem utilidade, nem programa. Entendendo-o, pensaram que não o entendiam. A aposta na abstracção supõe, neste caso, projectar um edifício "contentor" – Kenneth Frampton chamar-lhe-á "megaforma" –, isto é, uma construção cuja arquitectura não é ditada por um determinado uso, monograficamente, como no funcionalismo ingénuo, mas pela sua significação urbana. A opção de forma nasce aqui de uma responsabilidade perante o lugar, mais como oferta do que como obrigação; mais como geradora do que como produto. O consumismo na arquitectura arruinou as cidades, e a banalidade do paisagismo pode acabar por arruinar a arquitectura.

A estrutura do Edifício Transparente coloca-se como a tribuna de um estádio para olhar o mar. É betão e vidro que acolhe a passagem de pessoas que circulam desde o alto das colinas do parque até à praia e, entretanto, opções de recreio, de cultura e de intercâmbio. O projecto original estabelecia de forma perfeitamente clara, quantificada e definida, onde podia ser a discoteca, os bares de praia, as lojas e as boutiques, os espaços expositivos, o restaurante de luxo, os amplos percursos abertos onde o clima e a humidade se misturariam com as vozes e o ruído do mar, sob a protecção de uma cobertura em pórtico. E não um centro comercial climatizado; não um espaço delicado e convencional, mas uma estrutura brutalista e refinada, desportiva e costeira.

A organização interna do edifício é a de um percurso. As rampas aguardam a passagem de transeuntes – desportistas, visitantes e todo o tipo de cidadãos ociosos – que a partir das cotas altas do Parque passeiem, a pé ou de bicicleta, até às praias e rochedos atlânticos. E são estas rampas que mostram a variedade de aproveitamentos interiores

que as diversas partes do edifício podem ir adquirindo. A visão contínua do interior multiplice, onde o movimento das pessoas é o melhor espectáculo, combina-se com a contemplação constante do oceano e das costas, do parque e da cidade, com efectiva transparência.

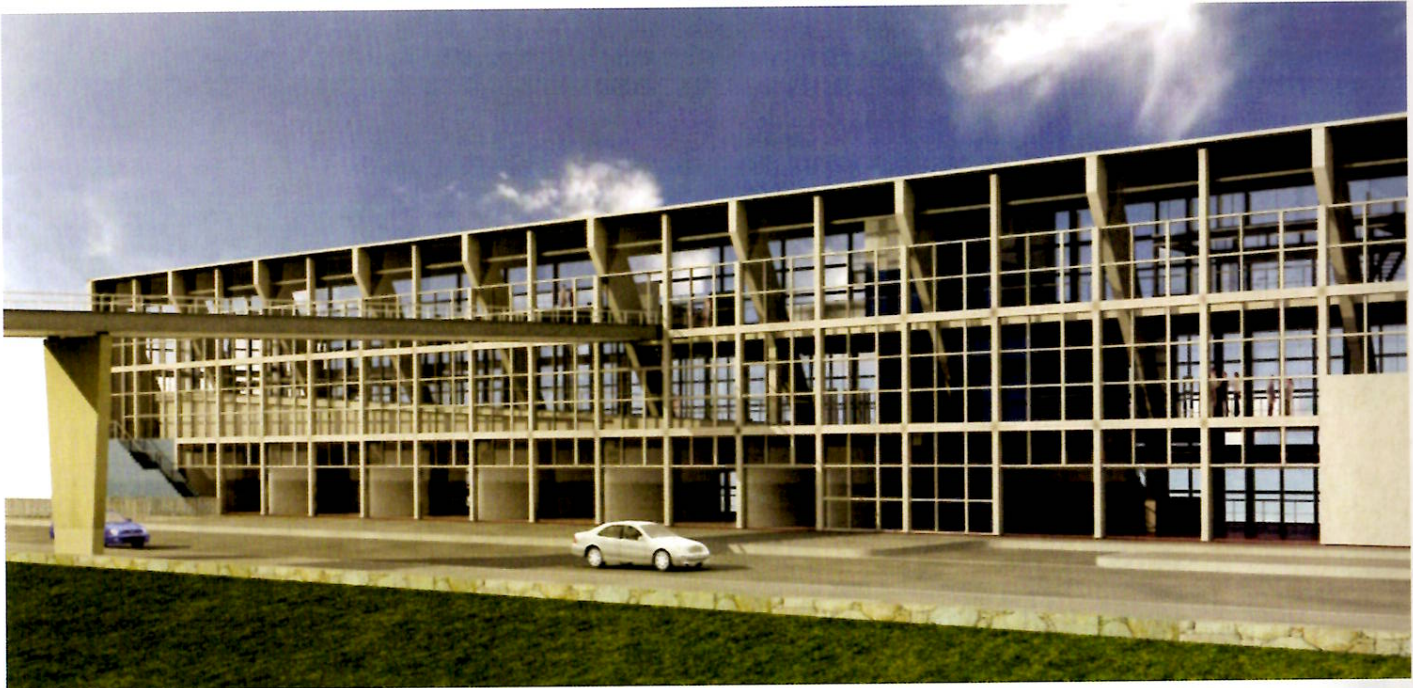
A Porto 2001 não tinha dinheiro para construir este edifício mas apenas para o iniciar. Forçando os números incluiu a estrutura. E depois, com o mesmo dinheiro, tentou ainda que fosse fechado em parte, que se equipasse com instalações mínimas, que se disponibilizassem serviços comuns... Obviamente não existiam elevadores nem acabamentos, que nunca foram cabimentados. Nem sequer as galerias de fachadas que deveriam oferecer sombra matizada aos envidraçados e fachadas, facilidade na sua manutenção e limpeza; nem tão pouco as caixilharias interiores; nem mesmo uma gestão inteligente e inovadora da sua exploração...

Não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir. O projecto de um "edifício-contentor" com versatilidade para uma multiplicidade de usos, mas com os percursos públicos como estrutura interna fixa, era uma proposta moderna que poucas pessoas na cidade quiseram entender. À limitação económica daquela que era apenas a primeira fase de construção, juntaram-se os obstáculos administrativos e a obstrução política que, incansavelmente, combateram um final feliz, imediato.

Este edifício não é um hotel, nem um centro comercial, nem um complexo cultural, nem um palácio de congressos, ainda que possa ser, algo disto em conjunto ou em separado. O interesse da moderna arquitectura urbana é por estruturas polifuncionais, híbridas, adaptáveis. Só os velhos usos monumentais, os museus, os auditórios, as catedrais, as sedes municipais defendem ainda a especificidade tipológica de uma arquitectura monográfica. Mas a cidade contemporânea necessita de outras flexibilidades.

O viaduto que passa por detrás do edifício une-o em duplo nível ao Parque da Cidade, em todo o seu alcance visual. Do lado de Matosinhos, e para encarar a mudança de horizonte, o projecto exigia, na elipse de Salvador da Baía, algo tão requintado como a volátil escultura de Janet Echelmann. A minha intenção, ao recomendar a sua encomenda, foi expandir a ideia de transparência, obtendo ao mesmo tempo uma peça de transição entre as diferentes escalas do lugar, tendo também por opção um grande volume de interior vazio.

Oxalá que a injeção de inteligência de Hottrade Ltd e a boa arquitectura do amigo Carlos Prata permitam a etapa definitiva para um projecto tão importante para a valorização do litoral atlântico do Porto como espaço metropolitano de primeira ordem.



Projecto



NOTAS DE AUTOR

CARLOS PRATA

O Projecto de Remodelação foi desenvolvido em articulação com o Manuel de Solà-Morales, autor do projecto original, através de reuniões de trabalho conjunto, o que possibilitou um compromisso equilibrado entre o que o concessionário pretendia realizar e o que parecia ser aceitável por este, de modo a não serem adulteradas as intenções essenciais do projecto inicial.

Para garantir estes pressupostos procurou-se, no desenvolvimento do projecto, que fosse sempre explícito o que correspondia à construção original e o que decorria da nova intervenção, podendo dizer-se que, em termos de princípio de projecto, não nos afastamos das formulações que se expressam através da relação entre o novo e o antigo, quando se trata de intervenções no património arquitectónico já classificado. Este princípio de projecto é esclarecido nos diferentes níveis da intervenção, tanto na escolha dos materiais – os novos caixilhos de encerramento do edifício serão realizados em alumínio com acabamento lacado, em contraponto com os existentes que são em betão branco prefabricado – como nas modulações propostas – os caixilhos são grandes vãos com panos de vidro com dimensões decorrentes da modulação base mas sem subdivisões, o que lhes atribui uma expressão diferenciada – ou no modo como se processa a compartimentação interior, função do novo programa, onde se procura manter a leitura do espaço inicial, seja pelo uso de painéis envidraçados, seja pela forma como se articulam os elementos construídos de compartimentação com a construção existente.

Também se mantém o sentido de uso público do edifício, garantindo-se a possibilidade de um percurso de peões contínuo desde o Parque da Cidade até à Frente Marítima, sem existirem conflitos com o trânsito mecânico.

Esta relação mantém o sentido de rótula que o edifício cumpre no sistema de articulação dos percursos urbanos, valorizando a sua função de pausa num percurso, seja através das funções que alberga, que prestarão um serviço de apoio, seja por proporcionar uma pausa contemplativa pela abertura do campo visual que desde aqui se oferece sobre a paisagem, como se de um miradouro ou de um *belvedere* do Parque se tratasse.

A rede de espaços de uso público, que percorre todo o edifício, funcionará como o elemento de suporte das funções que aqui se instalarão e constitui o objecto de projecto que apenas abrange os espaços comuns do edifício e os elementos de compartimentação que o definem, sendo da responsabilidade dos lojistas o projecto de cada um dos espaços destinados a funções específicas que serão submetidos à aprovação do autor do Projecto de Remodelação. Realizar este projecto foi muito gratificante pela riqueza do processo, mesmo que repleto de dificuldades. Intervir no Património Construído, neste caso, possibilitou estudar e perceber a obra e os gestos de genialidade de Manuel de Solà-Morales, que tanto valorizaram esta zona da nossa cidade, e ter o privilégio de contar com o seu apoio e afabilidade amiga. Resta-nos esperar que finalmente o Porto se reconcilie com o Edifício, percebendo o quanto transparente é, e de um modo definitivo seja publicamente reconhecida a superior qualidade desta intervenção urbana, independentemente dos aspectos parcelares ou de pormenor que correspondem a uma maneira de fazer em que muitos de nós não se reconhecem.

FICHA TÉCNICA

EDIFÍCIO TRANSPARENTE

LOCALIZAÇÃO Via do Castelo do Queijo, Porto

PROPRIETÁRIO Câmara Municipal do Porto

PROMOTOR Hottrade, Representação, Gestão e Serviços, S.A

DATAS - FASES DOS ESTUDOS / CONSTRUÇÃO

2000-2001 – Construção (Edifício Existente)

2003-2005 – Projectos de Remodelação

Março 2006 – Início das obras de remodelação

Fevereiro 2007 – Previsão para a abertura

ao público do edifício

ÁREAS DE CONSTRUÇÃO / Nº DE PISOS

Piso -1 (praia) - 2173m²

Piso 0 (rua) - 1573m²

Piso 1 - 1532m²

Piso 2 - 1532m²

EQUIPA PROJECTISTA

- ARQUITECTURA

- EDIFÍCIO EXISTENTE Manuel de Solà-Morales

- REMODELAÇÃO Carlos Prata

- COLABORAÇÃO Rodrigo Coelho,

Filipa Pinto Basto e Carlos Sousa Pereira

- FUNDAÇÕES E ESTRUTURAS ENCIL - Projectos

e Estudos de Engenharia Civil, Lda. (Eng. João Fonseca)

- ELECTRICIDADE, TELECOMUNICAÇÕES,

AVAC, SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS

E INSTALAÇÕES DE GÁS Rodrigues Gomes

& Associados, Consultores de Engenharia, S.A.

(Eng. António Ferreira, Eng. Silva Teixeira,

Eng. Joaquim Viseu e Eng. Arnaldo Monteiro)

- ÁGUAS E SANEAMENTO Eng. João Diogo Alpendurada

e Eng.ª Paula Paiva

- ACÚSTICA Inacoustics – Eng. Octávio Inácio

CONSTRUÇÃO Bascol S.A.

FOTOGRAFIA Filipa Pinto Basto

VISTAS 3D CSPTD – Arquitectura e Comunicação, Lda.